

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES
EM “CONTEXTOS INTERIORES”
LANÇANDO QUESTÕES
“FORA DOS CENTROS”

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES EM
“CONTEXTOS INTERIORANOS”:
LANÇANDO QUESTÕES DE
“FORA DOS CENTROS”

MOISÉS ALESSANDRO DE SOUZA LOPES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES EM “CONTEXTOS INTERIORANOS”: LANÇANDO QUESTÕES DE “FORA DOS CENTROS”

Resumo

Neste texto apresento algumas observações sobre a construção das homossexualidades em Cuiabá levando em consideração duas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos. Analiso como categorias de raça/cor, classe social e homossexualidade podem ser manipuladas por distintos sujeitos resultando em resistências e subversões ao sistema hierarquicamente definido. Na primeira parte do artigo apresento algumas preliminares teóricas que fundamentam minhas análises. Na segunda parte, situo a criação de um “herói” e o contexto que permitiu esta elaboração na cidade de Cuiabá. Finalmente, na terceira parte, lanço algumas questões, que vêm surgindo nas pesquisas que desenvolvo a partir do contexto etnográfico de Cuiabá.

Palavras-Chave: Marcadores sociais da diferença, homossexualidades, Cuiabá.

SOME OBSERVATIONS ON HOMOSEXUALITIES IN “COUNTRYSIDE CONTEXTS”: POSING QUESTIONS FROM “OUTSIDE THE CENTERS”

Abstract

In this text, I present some observations about the construction of homosexuality in Cuiabá, taking into account two researches developed in recent years. I analyze how categories of race/color, social class and homosexuality can be manipulated by different subjects resulting in resistances and subversions to the hierarchically defined system. In the first part of the article, I present some theoretical preliminaries on which my analyses are based. In the second part, I situate the creation of a “hero” and the context that allowed its elaboration in the city of Cuiabá. Finally, in the third part, I raise some questions which have arisen in the researches that I develop from the ethnographic context of Cuiabá.

Keywords: Markers of social difference, homosexuality, Cuiabá.

ALGUNAS OBSERVACIONES SOBRE LAS HOMOSEXUALIDADES EN “CONTEXTOS DEL INTERIOR”: LANZANDO CUESTIONES DESDE “FUERA DE LOS CENTROS”

Resumen

En este artículo presento algunas observaciones sobre la construcción de homossexualidades en Cuiabá, tomando en consideración dos estudios desarrollados en los últimos años. Analizo cómo las categorías de raza/color, clase social y homosexualidad pueden ser manipuladas por distintos sujetos, dando como resultado resistencias y subversiones al sistema jerárquicamente definido. En la primera parte del artículo, presento algunas preliminares teóricas que fundamentan mis análisis. En la segunda parte, presento la creación de un “héroe” y el contexto que permitió esta elaboración en la ciudad de Cuiabá. Finalmente, en la tercera parte, lanzo algunas cuestiones que han surgido en investigaciones que he desarrollado a partir del contexto etnográfico de Cuiabá.

Palabra clave: Marcadores sociales de diferencia, homossexualidades, Cuiabá.

Endereço do autor para correspondência: Avenida das Palmeiras s/n, Cond. Rio Jangada casa 259, Jardim Imperial - CEP: 78075-850, Cuiabá-MT

INTRODUÇÃO

Este texto pretende lançar algumas questões, ainda preliminares, que vêm surgindo nas pesquisas que venho desenvolvendo a partir do contexto etnográfico de uma cidade que, apesar de ser uma capital de estado, segue sendo considerada uma “cidade do interior”¹.

Os dados de que me valho para tais observações resultam de um re-olhar para duas pesquisas por mim realizadas: a primeira, intitulada “Conjugalidade na Grande Cuiabá: significados e práticas da parceria entre homossexuais que vivem uma união”, foi realizada no ano de 2005 no âmbito do Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva do Instituto de Medicina Social da UERJ, com apoio e financiamento da Fundação Ford; e a segunda intitulada “Homossexualidades, preconceitos e discriminações: A construção social do gênero no universo LGBT da Grande Cuiabá”² que foi realizada entre os anos 2011 e 2013.

PRELIMINARES TEÓRICAS

Antes de trazer dados das pesquisas de campo que desenvolvi penso ser essencial trazer algumas questões teóricas que dão suporte às análises que pretendo desenvolver. Mas, mais do que fazer um extenso debate teórico-conceitual sobre os conceitos de gênero, sexualidade(s), marcadores sociais da diferença e relações de poder pretendo fazer aqui uma breve explanação sobre como venho compreendendo e me valendo destes conceitos e discussões

que já foram longamente debatidos e definidos por outros(as) autores(as).

Desse modo, em minhas análises parto da concepção de que a identidade do sujeito é aberta e está sempre em vias de se fazer, se constituindo em “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] são, pois, identificações em curso” (Santos 1995: 135). Assim, esta identidade pode ser vista tanto como uma categoria política, semifictícia, quanto uma “experiência do eu” que dá um sentido unificado ao sujeito. Em ambos os casos, a identidade carrega a marca da ambiguidade, da construção incessante, da diferença e da igualdade. Desse modo, envolve questões de poder tanto por fazer referência aos discursos político-sociais mais amplos, quanto às relações de poder, dominação, hierarquia, disciplina e possibilitar espaços de questionamento, resistência e subversão, através do cuidado de si (Foucault 2002) e da performatividade (Butler 2003).

Assim, este trabalho é influenciado diretamente pelas obras de Foucault (1987, 2001a,b, 2002) e de autoras como Butler (2003a), Brah (2006), Brah & Phoenix (2004), Strathern (2006), Haraway (1994), Piscitelli (2008). Todos eles desenvolveram uma crítica profunda sobre a possibilidade de existência de um sujeito entendido como “anterior ao social”. Em suas análises, tais pesquisadores colocam em evidência a necessidade de se refletir sobre o modo como esse sujeito e essa identidade (inclusive as de gênero) se constituem. Nesse esforço tentam mostrar como as identidades são influenciadas e moldadas pela experiên-

cia social e cultural, pela performance, pelo discurso, pela história, pela prática, pela linguagem, pela intersecção ou pela articulação de categorias sociais.

Tributário desses desenvolvimentos teóricos da área de estudos de gênero e sexualidade este trabalho se propõe a pensar na construção do sujeito, da identidade e da subjetividade como marcadas por experiências de intersecção entre categorias sociais como raça, classe/camadas sociais, sexualidade e gênero. Assim sendo, e seguindo as análises de Brah e Phoenix (2004), Brah (2006) e Piscitelli (2008), essa intersecção não é pensada com as categorias funcionando em paralelo, com tal ou qual “diferença” assumindo destaque. A intersecção deve ser pensada de maneira articulada e contextual, pois é na intersecção que se produz formas particulares de opressão e privilégio, formas contextuais de ser e estar no mundo, determinadas relações interpessoais e, com isso, produz-se uma determinada identidade, um sujeito específico e uma subjetividade particular. Desse modo, é essencial pensar nas relações de poder, nas diversas estruturas de dominação e subordinação e nas hierarquias que são produzidas e se entrelaçam na construção desse sujeito.

No que tange especificamente a este trabalho, é essencial definir que os sujeitos com os quais estabeleci contato vivem em uma capital do interior do país. “Interior” aqui utilizado simultaneamente com o sentido geográfico, visto que Cuiabá está localizada no centro geodésico da América do Sul; mas, também, com o sentido de “cidade do interior”, uma vez que nas falas

de meus interlocutores nas cidades menores há a predominância das relações face-a-face, a existência de ritmo da vida mais lento e de relações pessoais baseadas nas emoções e sentimentos em oposição a racionalidade, a mudança rápida em todos os campos e ênfase em relações baseadas em uma certa reserva e impessoalidade presentes nas grandes metrópoles, tal como aponta Simmel (2005). Deste modo, quando nesse texto faço uso do termo “cidade do interior” estou fazendo referência a significados da fala de interlocutores que reiteradamente, de modo irônico e ácido, colocam a cidade de Cuiabá como uma cidade “provinciana e pequena”. Em suas falas a cidade de Cuiabá histórica e simbolicamente está ligada a outras capitais como Rio de Janeiro e Goiânia, locais onde as famílias tradicionais do estado de Mato Grosso envia(va)m seus filhos para estudar; capitais nas quais os jovens de Cuiabá ainda hoje vão para se divertir na noite e nos finais de semana. Nas falas destes interlocutores, Cuiabá é representada a partir de alguns fenômenos como as cadeiras nas calçadas, a solidariedade da vizinhança, os fluxos na cidade sem preocupações com a violência, a impossibilidade de invisibilidade nos locais de sociabilidade, todas características consideradas de “pequenas cidades” e fazendo contraste com a racionalidade, a invisibilidade e a modernidade da cidade grande.

Finalizando, um outro ponto extremamente relevante de minha análise é que, diferentemente de Wittig (2006) que no livro “*El pensamiento heterosexual y otros ensayos*” parte de um concepção

de poder e política como potência e/ou propriedade de alguns, neste texto estou influenciado pela obra de Michel Foucault (1987, 2001a,b, 2002) – e, de outras discussões que foram influenciadas pela concepção de poder deste autor, em especial a “Teoria Queer” (Louro, 2009; e, Miskolci, 2012) - que aponta que o poder e a política não são propriedades de pessoas ou grupos, são efeito de relações sociais. O poder, nesta concepção, está disperso em todo o social e cria assim possibilidades de fissura e resistência. Nesse sentido, funciona como uma espécie de rede na qual todos os sujeitos estão atados e podem ser capturados.

A CRIAÇÃO DE UM “HERÓI” E O CONTEXTO LOCAL DAS SEXUALIDADES

Começarei essa parte do texto com a leitura de um obituário que foi publicado no jornal Folha de São Paulo em 19 de janeiro de 2016 (Caderno Cotidiano, página B3):

“Conhecido como Jeje de Oyá, José Jacinto de Siqueira Arruda não passava despercebido pelas ruas de Cuiabá. Suas roupas lembravam sua origem africana e estavam sempre repletas de pedras, brilhos e joias.

A vaidade era tão grande que recusava revelar sua idade. Médicos e amigos mais antigos diziam que já passava dos 90 anos, mas os documentos foram falsificados, ao menos, duas vezes por Jeje, e, no final, acabaram atestando sua idade como 81 anos.

Nascido na cidade de Rosário Oeste (MT), foi adotado quando tinha

apenas quatro anos por uma família influente de Cuiabá. Com isso, foi estudar em um internato da capital mato grossense, onde adquiriu duas paixões: a vida religiosa e a alfaiataria.

Pretendia seguir a primeira, mas desistiu após saber que, por ser negro, só poderia seguir a Associação Beneditina, em Minas. Com isso, optou pela profissão de alfaiate, vestindo bispos, políticos e famílias importantes.

Próximo de pessoas influentes, frequentou os salões mais badalados da região, deixando para trás a época em que era discriminado por ser negro, homossexual e seguidor da Umbanda.

Na década de 1960, passou a viver dessa agitação. Virou colonista social e depois carnavalesco. “Era uma agitador nato. Festa sem Jeje não era festa”, conta o amigo Willian.

As baladas só cessaram nos anos 2000 por conta de problemas de saúde. Teve três AVCs (acidentes vasculares cerebrais) e duas paradas cardíacas nos últimos anos.

Morre dia 11, após uma parada respiratória. Sem familiares vivos, deixa amigos.”

José Jacinto Siqueira de Arruda faleceu em 11 de janeiro de 2016. Apesar de não ter nascido na cidade de Cuiabá, foi nessa cidade que cresceu e mais tarde se tornou o ícone do carnaval e do colonismo social. Estava com 87 anos diziam alguns, outros diziam 81 anos e alguns ainda lhe davam mais de 90 anos. Ao final da vida já não vislumbrava o colorido com que marcou as ruas da cidade, seja no carnaval onde brilhava como carnavalesco ou com as

batas, colares e braceletes, chapéus e turbantes coloridos que usava cotidianamente e costurava para si mesmo. Havia ficado cego.

Tinha enorme dificuldade em falar, sequela decorrente de alguns AVCs que sofrera nos últimos anos de sua vida, e com isso muito das histórias da “cuiabania”²³ também se perderam com ele. É verdade que estas histórias tal como ele disse, em uma entrevista que realizei em 2013, teriam de morrer com ele ou ele morreria ao falar delas. Perdeu-se também o humor cáustico, a pena afiada destemida e temida que marcou seu fazer de colunista social da alta sociedade cuiabana e dos principais jornais do estado de Mato Grosso.

Ainda em vida tornou-se o Comendador do Comércio do Estado de Mato Grosso e eleito pela população na década de 1990 como “a cara de Cuiabá”. Este último título José Jacinto não gostava muito por achar muito ordinário, em suas palavras, “Fiquei feliz, mas acho que cara é muito vulgar. Prefiro ser a face de Cuiabá”.

Mas, por que começo esse texto falando de José Jacinto? Por que a vida e a morte deste colunista social é relevante para a discussão que pretendo propor? Para responder a estas perguntas tenho de retomar alguns elementos de sua biografia.

Nascido no final da década de 1920 em Rosário Oeste, cidade que dista 128 quilômetros de Cuiabá e hoje conta com uma população de 17 mil habitantes, a maioria vivendo na zona rural, José Jacinto nunca aceitou ser enquadrado como um “pé rachado”²⁴ menos

ainda como “tchapa e cruz”²⁵. Nas palavras dele “Cuiabá nunca teve nobreza, sempre foi terra de mestiços”.

Ele mesmo, como relatou, tinha sangue de portugueses, negros e bolivianos e nascera em uma família pobre mudando-se aos 4 anos de idade para Cuiabá com uma família adotada, já que sua mãe biológica sofria de problemas mentais e ameaçara sua vida inúmeras vezes. Jovem, iniciou seus estudos no curso de sapataria, mas como narrava “mudou para alfaiataria, pois, além de ser uma profissão mais fina e chique, não tinha tanta sujeira”. Aspirava tornar-se padre, ideia que foi se enfraquecendo com o passar dos anos assim como o interesse pela alfaiataria. Mas o que marcou mesmo sua vida foi o trabalho como colunista social. Ideia que surgiu nos anos 60 quando com o pseudônimo Dino Danuza começa a relatar o que via e ouvia nas festas sem que ninguém soubesse de quem se tratava em colunas dos jornais.

Com a criação desse personagem José Jacinto cria uma forma de driblar o preconceito que sofria em alguns clubes da cidade como o clube feminino “Eu só podia ir às festas se ficasse sentado. A diretora do clube não deixava um negro dançar junto com os outros”. O segredo durou pouco e com o tempo, Dino Danuza deu lugar a Jeje de Oyá pseudônimo que deixou José Jacinto como o mais famoso colunista social do Mato Grosso, bem como uma espécie de arquivo vivo da “má conduta” das famílias cuiabanas. Em suas palavras, “se me perguntarem sobre qualquer família daqui, eu posso dizer tudo de bom e de ruim que já aconte-

ceu com ela. Muita gente tem medo de mim por causa disso. Se tentasse colocar no papel tudo o que sei sobre essa gente, no primeiro parágrafo eu já estaria morto. Tive muitos amantes que hoje são pais de família, com esposa, filhos e netos.” Negro, pobre, homossexual assumido e espalhafatoso, católico e filho da Umbanda, Jejé de Oyá se tornou um ícone cultural na cidade de Cuiabá e no estado de Mato Grosso.

É necessário aqui fazer uma pausa.

LANÇANDO QUESTÕES DE “FORA DOS CENTROS”

Neste texto, como disse anteriormente, tenho como objetivo, partindo dessa e de outras narrativas, lançar algumas questões sobre a maneira pela qual ocorre a construção das sexualidades em “contexto interiorano”. Meu olhar está preocupado com uma perspectiva que busca trazer à tona elementos interseccionais de análise, tais como gênero, cor/raça/etnia/nacionalidade, regionalidade, camada social e grupo etário/geracional, pois, como apontou Brah (2006), é na intersecção que se produzem determinadas relações interpessoais, formas articuladas de opressão e privilégio, formas contextuais de ser e estar no mundo e, com isso, uma identidade, um sujeito específico e uma subjetividade particular.

Desse modo, essa “linda” narrativa heroica foi construída e largamente difundida pelo próprio personagem com a “aceitação”, parceria e mesmo complacência da chamada cuiabania. Não que ele não tenha sofrido preconceitos

e discriminações durante o curso de sua vida por viver no entrecruzamento de um conjunto específico de “marcadores sociais da diferença”, obviamente as sofreu. Mas, mais produtivo ou positivo do que perceber, enumerar e denunciar estes preconceitos e discriminações sofridas talvez seja compreender como um homem, negro, pobre, homossexual assumido e espalhafatoso, católico e da umbanda se tornou, mesmo vivendo em um “contexto interiorano”, um ícone cultural, patrono do colonismo social e um comendador do comércio de um estado marcadamente agrário como o de Mato Grosso em uma época em que o movimento LGBT organizado sequer nascera nas grandes metrópoles.

Aqui utilizo a ideia de produtivo ou positivo inspirado e me atendo ao que Foucault em sua obra aponta como sendo uma das facetas das relações de poder que, para além do aspecto repressivo, largamente destacado em diversos estudos, também apresenta uma faceta produtiva, uma instância geradora de efeitos. Nas palavras desse autor, em “Vigiar e punir” (1987: 172)

“Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.”

Assim, retomando, para essa tarefa de estudar as sexualidades em “contexto-

tos interioranos” temos que deixar de repetir um não tão velho mantra que se tornou quase que lugar comum nas discussões sobre gênero e sexualidade hoje em dia e que apontam o “interior do país” como um lócus de expulsão de pessoas com vivências diferentes da heterossexual, como um contexto sociocultural totalmente marcado por tradicionalidade e violência. Em que medida ao fazer isso não estamos reproduzindo nossos próprios conceitos e pré-conceitos no contexto e nas narrativas que tivemos acesso como pesquisador? Será que ao fazer isso não estamos, como aponta Gilberto Velho em seu texto “Observando o familiar” (1978), tomando o familiar como conhecido? Ou, como dito por Paulo Rogers Ferreira em seu texto intitulado “Os afectos mal-ditos” (2006), será que ao estudar estes contextos rurais, no caso do estudo dele, ou interioranos, no caso de minhas pesquisas, não estamos reproduzindo o que ele chama de “um discurso homonormativo dos teóricos da homossexualidade, urbano-cêntricos” (p. 57)?

Estas foram algumas das perguntas que estão presentes nos meus últimos anos de investigação tendo o contexto de Cuiabá como cenário. Trata-se hoje de uma cidade que conta com cerca de 550 mil habitantes, mas que na década de 1960, época em que “nosso” herói Jeje de Oyá vivia e reinava nas colunas sociais, chegava perto de 50 mil habitantes. Nas falas das pessoas com quem convivi e nas narrativas das pessoas a que tive acesso que viveram em Cuiabá desde 1960 o que há é um desaque e uma constante reiteração para a

maneira pela qual esta capital no decorrer dos anos foi se tornando, contrariamente ao que poderia parecer, uma cidade preconceituosa, discriminadora e violenta para os que não vivem uma sexualidade heteronormativa.

Um lócus que, como me relataram diversos entrevistados⁶, com a grandes ondas migratórias do sul dos últimos 30 anos “aboliu” práticas correntes como os campeonatos de futebol e de vôlei com times exclusivamente homossexuais com torcida organizada pela comunidade; as “quadrilhas gays” das festas juninas que eram ensaiadas por toda a comunidade com a presença de travestis; ou com a realização de “paradas gays da periferia” tal como organizadas pela comunidade onde vive Xica da Silva uma mulher travesti, negra e prostituta.

Dando suporte às suas falas, estes interlocutores citavam as inúmeras festas que ocorriam na famosa “Boate e Balneário Sayonara” juntamente com os famosos concursos Miss Mato Grosso Gay que desde a década de 1970, com seu auge em 1983 chegou a contar com a presença de 18 participantes de diversos municípios do interior do estado. Citam ainda, no final de 1970 e durante toda a década de 1980 um enorme fluxo de sujeitos “não-heterossexuais” nos espaços de lazer e sociabilidade noturnos da cidade. Espaços estes que apesar de não terem sido criados originariamente para os “não-heterossexuais” eram literalmente, como relatam, “invadidos” por eles e nos quais se misturavam aos heterossexuais e buscavam o “exercício da liberdade de expressão e de orientação sexual”.

Para entender a biografia de Jeje de Oyá, um personagem extremamente sobrecodificado, é necessário se dar conta da maneira na qual este sujeito é atravessado e identificado (e se identificava também) ora como homem homossexual, ora como carnavalesco, ora como alfaiate, ora como homem negro, ora como católico, ora como da umbanda e assim, essencialmente como um “diferente” que se integrava cotidianamente com seus adereços coloridos, com seus badulaques, com seus turbantes e batas ao cenário de uma cidade que era considerada e construída pelos meus interlocutores como receptiva, aberta e moderna a diversidade sexual e de gênero até recentemente.

Mais recentemente, em um projeto de pesquisa que estou iniciando que tem como foco a questão da construção gênero e das sexualidades nas comunidades quilombolas de Itambé, Lagoinha de Cima e Cambambi na Chapada dos Guimarães, associado as pesquisas e extensão já desenvolvidas e em desenvolvimento pela minha colega Sonia Lourenço⁷, em uma de minhas idas a campo me deparei com três travestis se banhando em um riacho ao lado do local onde se realizava uma grande festa religiosa na região. Trajadas com shorts curtos, camisetas justas, cabelos longos e maquiadas se banhavam juntamente com outras mulheres, homens e crianças e com elas dialogavam constantemente, não sendo motivo de repúdio ou censura por não pertencerem a este cenário. Quem são elas? Como estas comunidades lidam com estas pessoas? Será que em alguma medida não esta-

mos lidando com uma forma diferente de lidar com a diferença nestas coletividades do interior?

Como aponta Gontijo (2013) ou Gontijo & Erick (2015), alguma lacuna ainda persiste no que diz respeito às experiências homossexuais em contextos que este autor chama de “periféricos” ou “interioranos”, isto é, nas regiões Norte e Nordeste, nas áreas rurais ou “menos urbanizadas” (comunidades caboclas e ribeirinhas) e em territórios etnicamente diferenciados (quilombos e povos indígenas) – onde predominava, segundo Fry (1982) o modelo hierárquico.

Estes agenciamentos produzidos por Jeje de Oyá, a manipulação e a transição entre/das categorias sociosexuais, assim como seu empoderamento a partir de seus vínculos familiares, de suas relações afetivo-sexuais com figuras importantes da política local, associados a minha “nova” inserção em um novo contexto de pesquisa vem me levando a problematizar a “rentabilidade” de utilização de elementos que dão relevo aos aspectos comumente apresentados como característicos das sociedades moderno-contemporâneas, como o valor conferido ao individualismo, ao anonimato, à preeminência de uma “ética hedonista”, ao afrouxamento dos vínculos familiares, etc., tal como aponta Martinho Tota (2015) em seu artigo sobre travestilidades no interior da Paraíba para compreender estes “contextos interioranos”.

Será que nas análises que desenvolvemos, ao nos reportar a oposições como tradicional *versus* moderno, centro *versus*

periferia, rural *versus* urbano, simples *versus* complexo, capital *versus* interior, não corremos o risco de substancializar os fenômenos que pretendemos compreender construindo um modelo (ou mesmo aplicando um modelo pronto) que não encontra efetividade na maneira como os sujeitos vivem ou compreendem a realidade? Em outras palavras, em que medida não estamos impondo um olhar “colonizador das sexualidades” para as “cidades do interior” tal como aponta o trabalho de Estevão Fernandes (2014 a,b, 2015) ao analisar o contexto etnográfico das “homossexualidades indígenas no Brasil”?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma parte dos estudos no campo das homossexualidades que foram e vem sendo desenvolvidos nas últimas décadas ainda prima(va) em parte por uma visão que partia do princípio do “acúmulo das opressões” ou da “ausência total” de agência por parte de alguns grupos “minoritários” com o fim de tentar compreender as distribuições diferenciadas de poder no âmbito da vida em sociedade. Simultaneamente, outros estudos buscam mostrar as possibilidades de resistência e agência de sujeitos a partir de análises contextuais. Como dito acima, este texto se filia a esta segunda tradição, influenciado pelas concepções de Foucault sobre as relações de poder.

Assim, ao partir da análise da vida de Jeje de Oyá ou das festas realizadas na “Boate e Balneário Sayonara” busco descortinar as possibilidades de

subversão da ordem, de resistência, a um discurso que aponta(va)m Cuiabá como uma “cidade do interior”, conservadora, provinciana e pautada pela tradicionalidade. Estas análises buscam apontar as ambiguidades e contradições que envolvem a vivência das sexualidades em uma cidade como Cuiabá que, apesar de ser capital de estado, ainda é tomada por muitos interlocutores como uma “cidade do interior”.

Nesse sentido, inspirado por Goldman & Lima (1999) entre outros autores, é importante destacar que essa relação de oposição, tal como apresentada neste texto é, na verdade, o efeito de uma perspectiva do(s) sujeito(s) que fala(m). Em outras palavras, meus interlocutores é que trouxeram e construíram tais oposições em suas falas e discussões. De modo oposto, em minha discussão, parto destas dualidades expressas pelos meus interlocutores buscando questioná-las com o fim de mostrar a riqueza de se tentar romper com estas oposições no momento da análise, visto que por mais que hajam relações de natureza heterossexual como “norma” vigente no discurso público estas não excluem a existência de outras experiências afetivo-sexuais vividas sob diversas modalidades não-verbalizadas ou não explicitadas socialmente.

Finalizando, gostaria de destacar que mais do que dar respostas prontas e finais a estes problemas apresentados o que este texto se propõe é fazer perguntas sobre as diversidades sexuais e de gênero a partir do contexto de uma capital do interior, de um “centro fora do centro” e das biografias de sujeitos que insistem em manipular criativa-

mente, de acordo com o contexto vivido, seus marcadores da diferença.

NOTAS

¹ Mais abaixo discutirei este termo.

² Esta pesquisa foi financiada pelo Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores (Programa Primeiros Projetos) Edital PPP 002/2012 desenvolvido pelo MCT/CNPq/FAPEMAT.

³ Expressão utilizada para fazer referência simultaneamente a “alta sociedade local” como também ao movimento cultural que tem como fim preservar e valorizar as tradições e as pessoas nascidas na cidade de Cuiabá.

⁴ Expressão usada hoje por quem tem orgulho de morar em Cuiabá, faz referência ao calor da cidade, pois quem anda descalço ou de chinelo de borracha na cidade acabava ficando com o pé rachado. Mas, simultaneamente, de modo irônico, pode fazer referência também a pessoas de classe popular, pois andar descalço ou de chinelo de borracha na cidade pode ser tomado com um símbolo de poucos recursos financeiros.

⁵ Expressão usada para os que nasceram e morreram na cidade de Cuiabá, “tchapa” faz alusão a certidão ou registro de nascimento e “cruz” é alusão a morte ou cemitério.

⁶ Na pesquisa “Conjugalidade na Grande Cuiabá” entrevistei 10 homens com idades entre 20 e 44 anos, majoritariamente brancos, integrantes das camadas médias de Cuiabá, envolvidos em relacionamentos conjugais; para além destes entrevistados desenvolvi observação participante em festas, almoços, jantares, boates, bares aos quais acorria a partir do convite destes entrevistados e, com isso, tive acesso a

um conjunto maior de informações oriundas das redes de relações nas quais estes sujeitos estavam inseridos. Na pesquisa “Homossexualidades, preconceitos e discriminações” foram desenvolvidas 15 entrevistas gravadas e cinco (5) filmadas com integrantes do Movimento LGBT de Cuiabá; observação participante em reuniões de ONGs, Paradas Gays, festas, passeatas, almoços e bares; interação em redes e grupos virtuais que em alguns casos reuniam quase uma centena de pessoas; bem como, análise de documentos, jornais, revistas, sites e blogs.

⁷ Esta pesquisadora desenvolveu entre 2011 e 2015 a pesquisa intitulada “Performances, narrativas e musicalidades quilombolas na Chapada dos Guimarães (MT)” e, entre 2013 e 2014 o projeto de extensão “Patrimônio cultural e saberes tradicionais quilombolas de Mato Grosso-MT”. Atualmente, desenvolve a pesquisa intitulada “Cosmopolíticas, territórios, memórias e performances de comunidades negras de Chapada dos Guimarães – MT”.

REFERÊNCIAS

- Brah, A. (2006). “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, n. 26, pp. 329-376.
- Brah, A. & Phoenix, A. (2004). “Ain’t I A Woman? Revisiting Intersectionality”. *Journal of International Women’s Studies*, Vol 5, n.3, May, pp. 75-86.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- Fernandes, Estevão R. (2014a) “Homossexualidades indígenas y descolonialidad: algunas reflexiones a partir de las críticas two-spirit”. *Tabula Rasa: Revista de Humanidades* (Bogotá). v. 20, p. 135-157.

- _____. (2014b). “Homossexualidade Indígena no Brasil: Desafios de uma pesquisa”. *Novos Debates - Fórum de Debates em Antropologia*. v. 1, p. 26-33.
- Ferreira, P. R. (2006). “Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas”. *Dissertação de Mestrado, Antropologia Social*, UnB.
- Foucault, Michel (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes.
- _____. (2001a). *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Grall, Vol.1.
- _____. (2001b). *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Grall, Vol. 2.
- _____. (2002). *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Grall, Vol. 3.
- Fry, Peter (1982). “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil.” In: *Para Inglês Ver*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 87-115.
- Goldman, Marcio & LIMA, Tânia Stolze (1999). “Como se faz um Grande Divisor” in: *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 83-122.
- Gontijo, Fabiano Souza (2013). “Diversidade Sexual e de Gênero no Mundo Rural Brasileiro. Esboço de reflexões preliminares.” *Revista FSA*, Teresina, v. 10, n. 2, art. 5, pp. 84-100, Abr./Jun.
- Gontijo, Fabiano e Erick, Igor (2015). “A Diversidade Sexual e de Gênero em Contextos Rurais e Interioranos no Brasil: ausências, lacunas, silenciamentos e... exortações”. *Aceno*, Vol. 2, n. 4, p. 24-40. Ago-Dez.
- Haraway, D (1994). “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”. In: Hollanda, H. B. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lopes, M. (2009). ““Casar e dar-se ao respeito”. Conjugalidade entre homossexuais masculinos em Cuiabá”. Heilborn, M. L. et alli (orgs.). *Sexualidade, Saúde e Reprodução*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 489-508.
- Louro, Guacira Lopes (2009). “Foucault e os estudos queer.” In: Rago, Margareth; Veiga-Neto, Alfredo. *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 135-142.
- Piscitelli, A. (2008). “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. *Sociedade e Cultura*, V. 11, n° 2, pp. 263-274.
- Miskolci, Richard (2012). “Origens históricas da Teoria Queer.” In: *Teoria queer: Um aprendizado pelas diferenças*. Ouro Preto: Autêntica Editora.
- Santos, B.S. (1995). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- Simmel, Georg (2005). “As grandes cidades e a vida do espírito (1903)”. *Mana*, 11(2): 577-591.
- Strathern, M. (2006). *O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: UNICAMP.
- Tota, Martinho (2006). “Cinco vidas. Travestilidades, gênero, sexualidades e etnicidades no interior da Paraíba.” *Revista De Antropologia* 58(2).
- Velho, Gilberto (1978). “Observando o familiar”. In: Velho, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 123-132.
- Wittig, Monique (2006). *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Egales.

Recebido entre 24 a 27/02/17

Aprovado em 21/03/17